

Sarney não merece isso - 7 MAI 1993

CORREIO BRAZILIENSE

Carlos Chagas

Alguns esqueceram tudo. Outros não aprenderam nada. Desde 1950 que a sucessão presidencial, no Brasil, passa pelo povo. De início de maneira atabalhoada, mas sempre com mais intensidade. Os políticos fizeram tudo para impedir a eleição de Getúlio Vargas. Lançaram Cristiano Machado pelo PSD, o maior partido nacional, ao tempo em que dedicaram profundo desprezo ao candidato trabalhista, também atacado do outro lado pelo brigadeiro Eduardo Gomes. Cinco anos mais tarde, novas firulas, barganhas e invenções envolvendo até um homem honrado como Etelvino Lins. Não adiantou, porque Juscelino Kubitschek trazia, mais do que Juarez Távorá e Adhemar de Barros, o apoio do povo. Na outra eleição tentaram Juracy Magalhães, outro brasileiro honrado, mas quem ganhou mesmo foi Jânio Quadros, pelas mesmas razões de Getúlio e Juscelino. A candidatura Lott foi um expediente e um acidente.

Sobreveio o interregno militar, mais ridículo do que execrável, onde os tanques valiam mais do que os votos. Depois uma arrumação, por sinal correta, serviu para a escolha indireta de Tancredo Neves, mas os deuses se vingaram, fazendo assumir José Sarney.

Em 1989, a prova definitiva. Mil candidaturas provieram das cúpulas partidárias, todas desunidas. Ulysses Guimarães, Aureliano Chaves, Paulo Maluf, Mário Covas, Affonso Ca-

margo, Guilherme Afif, mas venceu mesmo quem o povo quis, um moço que bateu Luiz Ignácio Lula da Silva e Leonel Brizola, esses também com evidentes marcas populares. Se era um blefe, paciência.

Todo esse preâmbulo se apresenta para demonstrar que pouco ou nada adiantarão as amarrações partidárias em gestação lá em cima, se não tiverem antes o respaldo das bases. A novidade, esta semana, é que Orestes Quércia recuou e, mais do que depressa, tentam preencher o espaço dele com José Sarney. Também um homem honrado, até ex-presidente, mas, como outros, sem povo. Importam menos suas qualidades de bom político, de chefe de governo esforçado mas de pouca sorte. O problema está em que Sarney, se feito opção para o PMDB arrisca-se a ficar entre Cristiano Machado e Etelvino Lins. Candidato derrotado ou nem candidato.

Não se emitem, vale a ressalva, juízos de valor sobre o mérito de Sarney e de outros nomes cogitados nas cúpulas do PMDB do PFL, do PPR e até do PSDB. Porque, no fundo, por descuido ou malícia, as cúpulas continuam se esquecendo do fator popular. Daí a nítida vantagem que já vem levando o Lula é que começa a amealhar Leonel Brizola. E não adianta argumentar com a relação de possíveis vícios ou erros de ambos. Está no ar que a gente respira o resultado fatal de uma disputa entre Luiz Ignácio Lula da Silva e José Sarney, por exemplo,

chegando os dois ao segundo turno. Ou de Leonel Brizola e Paulo Maluf.

Perispicaz foi mesmo Antônio Carlos Magalhães, que desde o início desautorizou cogitações em torno de seu nome. Se o governador baiano tem consciência de seus méritos, de sua experiência e de sua capacidade, percebe muito bem no reverso da medalha a inexorabilidade de um confronto parecido com os citados aqui.

Fazer o que, nesse caso? Afastar o povo das decisões? Tentaram isso a última vez, faz pouco, com o plebiscito, já que no parlamentarismo o poder cairia em mãos das elites e de quem elas apresentassem. A ironia ficou em que o povo continuou decidindo e optou pelo presidencialismo.

Em suma, haverá que buscar o futuro presidente em candidatos que mantenham linha direta com o sentimento popular. Com as agruras, as necessidades e aquela inclinação toda especial que se aprende a buscar nas ruas, jamais nos alfarrábios ou nos conchavos.

José Sarney chegou ao Palácio do Planalto por injunções do destino, vice-presidente que era. Não merece que agora o coloquem diante da rampa sabendo que não irá subi-la. E que se arriscará, mais do que a uma decepção, a um retrocesso biográfico.

■ Carlos Chagas é jornalista e professor da Universidade de Brasília